

O ESTUDO DE CASO COMO METODOLOGIA DE PESQUISA NO COTIDIANO ESCOLAR: UMA ABORDAGEM QUALITATIVA

Hiléia Lúcia Gama da SILVA

Monitora do Núcleo de Pesquisa do CUBT/UFPa

Waldir ABREU

Professor da Universidade Federal do Pará

Resumo: *O estudo está centrado na exposição da metodologia empregada no Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia no Campus Universitário do Baixo Tocantins, cujo título é "A disciplina na escola como questão teórica e prática: Um Estudo de Caso no Centro Educacional Olímpus - Vila dos Cabanos/Barcarena/PA". O artigo objetiva mostrar como a problematização se articula com a determinação metodológica. Sobretudo busca apontar a importância do emprego do estudo de caso na pesquisa empírica do fenômeno educativo.*

Considerações Iniciais

Considerando que a metodologia deve ser compreendida e articulada com o contexto teórico e a problematização do trabalho, inicialmente fizemos um esboço do cerne das questões do Trabalho de Conclusão de Curso. Explicitamos e justificamos a metodologia utilizada, o estudo de caso na abordagem qualitativa, apontando a sua importância quando se pretende realizar uma pesquisa empírica sobre o fenômeno educativo no cotidiano escolar. Em seguida destacamos o procedimento da coleta de dados e mostramos o resultado parcial das análises a respeito do tema investigado.

Esboço das Questões Centrais do TCC

Na pedagogia o sujeito é um conteúdo e desde sempre aí (Véiga Neto, 2003). O sujeito é algo sempre dado, um ente que antecede ao mundo

social. Com base nessa concepção de sujeito, a disciplina no ambiente escolar é para controlar, prevenir e reprimir. Ela pode ser um método para se chegar a um indivíduo bem educado ou a disciplina é autodisciplina que não é decorrente de uma regulação exterior, mas de uma opção consciente.

Diferentemente do que vemos na pedagogia, e com base na teorização de Foucault, no estudo desenvolvido durante o TCC, consideramos o sujeito como algo que se constitui através da disciplina, que é uma das estratégias do poder para formar os corpos dóceis, economicamente úteis, que sustentam a moderna sociedade industrial. A disciplina não reprime, produz. A escola produz o aluno através da disciplina a que este é submetido.

O pensamento de Foucault acentua o papel disciplinador da escola e seus efeitos sobre o indivíduo, pois determina formas particulares de estar e conhecer o mundo. A escola torna-se um eficiente meio de articulação entre poder e saber, disciplinando assim o corpo e a *psique* dos indivíduos para que tomem as feições do que chamamos hoje o *sujeito moderno*.

É na rede de relações e práticas sociais que o poder disciplinar, através dos seus mecanismos de subjetivação e objetivação, constitui o sujeito tal e qual o conhecemos na modernidade, sujeito livre, dono de si, mas que está preso numa identidade que lhe é dada como sua. A vigilância contínua, o esquadramento do espaço, o controle do tempo e a produção do saber são os elementos das estratégias disciplinares que podem ser descritas nas escolas, nos hospitais, nas fábricas, nos quartéis e nas prisões (Foucault, 1987). A escola e a sua cultura disciplinadora têm um importante papel na formação da sociedade desde o início da Idade Moderna.

Para alguns historiadores o modelo de escola que concebemos hoje surgiu no período entre a Renascença e o início da Revolução Industrial, quando ocorreu um dos fenômenos mais marcantes da história das instituições escolares, com o surgimento e a ampliação dos colégios católicos, protestantes e dependentes da universidade (Petitat, 1994). Esses colégios que se expandiram nessa época possuíam algo em comum: antecipavam as novas exigências da nova sociedade industrial que estava emergindo neste momento.

Aos poucos o modelo de educação característico da Idade Média, em que o estudante morava na casa do professor e que muitas vezes tinha outra profissão, vai dando lugar a uma educação com tempo e espaço determinados, métodos e conteúdos padronizados com divisão em graus e classes. "A organização de um espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar" (Foucault, 1987, p. 134). Os

colégios assinalam várias modificações na vida do aluno que passa a ser obrigado a se vincular a um colégio com professores que lhe são impostos. Acentua-se a necessidade de se exercer maior controle sobre o alunado, que passa a viver coletivamente, exposto à emulação, prêmios, punições e classificações segundo o seu empenho, freqüência e obediência.

As transformações ocorridas na área da educação também podem ser notadas na organização do trabalho, com o surgimento das grandes fábricas e oficinas. Nas fábricas que surgem no fim do século XVIII se faz necessário dividir o processo de produção e a decomposição individual da força de trabalho. Nas oficinas, os operários são dispostos de maneira que ao andar pelo seu corredor central se tenha a um só tempo uma visão panorâmica e individual desta. É assim que rapidamente se podem verificar os operários em vários aspectos: a assiduidade, a concentração nas atividades, o nível de qualidade de seus trabalhos e fazer comparações entre eles.

Atualmente, a disciplina é um tema recorrente na prática diária dos educadores, no entanto pouco se tem tratado deste tema na literatura especializada. Consideramos importante colocar a disciplina como tema teórico e prático, para que não se trate de forma imediatista as questões disciplinares no ambiente escolar. Acreditamos que a crescente incidência de indisciplina na escola aponta para a necessidade de repensarmos a instituição escolar. Quase nunca questionamos a escola, sua estrutura e seu funcionamento. Consideramos importante tentar compreender a disciplina no âmbito escolar e os seus distúrbios disciplinares, para entendermos o papel da escola, sabendo que ela como aparelho disciplinador é determinante para formar o sujeito que se quer hoje. Fazer isto é também tentar compreender o próprio momento histórico que estamos vivendo.

Cruzamos estas informações com o contexto da Vila dos Cabanos,¹ uma vila operária que foi criada para atender o Complexo Industrial

¹ A Vila dos Cabanos é uma vila projetada pelo complexo industrial Albras/Alunorte em função de abrigar moradores, ou seja, a mão-de-obra necessária que o projeto iria demandar. A empresa, juntamente com a vila operária, foi implantada por representantes dos ministérios da Minas e Energia, Interior, Transportes, Secretaria de Planejamento da Presidência da República e Governo do Pará, cabendo inicialmente à Sudam como órgão de programa e controle dos projetos a atividade a eles referente. O Plano Urbanístico Básico do Núcleo Urbano foi definido e elaborado pelo grupo especial do desenvolvimento Regional Infra-estrutura do Complexo Industrial Albras/Alunorte referente à macro-região IS Baixo Tocantins, subconjunto Abacatuá, Bacaretá e Igrapé-Miri, considerada área de abrangência do projeto.

Albras/Alunorte. A implantação deste complexo industrial causou várias mudanças na região. A construção de uma grande escola para os empregados e seus dependentes foi uma delas. A escola Centro Educacional Olympus, inserida neste contexto, é um território marcadamente dos filhos dos empregados da Albras Alumínio Brasileiro S/A,² escola limpa e organizada nos moldes do 5S.³ Possui um total de 1901 alunos, dos quais 602 cursam o Ensino Fundamental e 437 o Ensino Médio. Aproximadamente 85% dos alunos são filhos de funcionários da Albras e da Alunorte, são poucos os alunos vindos de Barcarena ou cujo pai trabalhe em outras empresas. O prédio foi construído pela empresa quando da construção da Vila dos Cabanos e ocupa uma grande área, a escola é de um piso com 57 salas de aula, uma quadra de esporte, uma piscina, um amplo estacionamento, uma biblioteca com cerca de 7.687 livros, uma secretaria, lanchonete e auditório.⁴

Escola e fábrica se entrecruzam nas semelhanças de suas técnicas disciplinares, hierarquia e arquitetura. Assim, buscamos estudar a disciplina no ambiente escolar investigando a disciplina existente numa escola que aos poucos utiliza mecanismo de controle da fábrica e os aplica no cotidiano escolar.

Partimos da idéia de que a aproximação da fábrica com a escola estaria provocando um acirramento das técnicas disciplinares, já que a escola também atua como formadora de mão-de-obra. Tendo em vista que esta escola possui características não encontradas em nenhuma outra do município, o que a torna uma unidade no sistema educacional do município, tais como o transplante de programas específicos da empresa como o 5S e a CIPA Escolar,⁵ e que estes atuam como elementos disciplinadores no âmbito escolar, o questionamento que

² Albras Alumínio Brasileiro S/A, localizada a Rodovia Pa 485 Rl 21, na Vila Murocugi inaugurada em julho de 1985, foi constituída em setembro de 1978 por meio de um acordo entre os governos do Brasil e do Japão, sendo como acionistas a CVRD (Companhia Vale do Rio Doce) através da Alunorte e a NAAC (Nippon Amazon Aluminium Co. Ltd). A inserção social desse complexo foi crucial para uma nova fotografia sócio-econômica da região, cuja riqueza das reservas naturais e localização estratégica atraem empreendimentos deste porte e volumosas transações comerciais.

³ 5 Senses – Programa de caráter disciplinador implantado na empresa seguindo o modelo japonês de gestão empresarial e que foi transplantado para a escola em questão.

⁴ Dados fornecidos pela secretaria da escola em setembro de 2003.

⁵ A formação da CIPA, Comissão Interna de Prevenção de Acidentes, é obrigatória em empresas com mais de 50 funcionários, tem por objetivo prevenir acidentes, analisar e demonstrar estatisticamente a incidência de acidentes na empresa. A CIPA Escolar é formada por alunos e seu trabalho enfatiza a segurança no trânsito.

nos instigava era: como as estratégias disciplinares estariam sendo recebidas pelos sujeitos desta escola? Dessa forma, para delimitarmos o estudo, eis a pergunta que fizemos: qual o sentido que os alunos e professores do 2º ano do Ensino Médio dão às técnicas disciplinares da escola?

A Pesquisa Qualitativa na Dinâmica do Fenômeno Educativo

É cada vez mais frequente o interesse dos alunos pesquisadores da área da pedagogia pelo uso das metodologias qualitativas. Embora esse tipo de abordagem seja muito usado nos TCCs de Pedagogia no Campus Universitário do Baixo Tocantins, críticas rigorosas se tem feito ao termo, e neste ponto gostaríamos de esclarecer o uso do termo *pesquisa qualitativa*. O interesse pelos aspectos qualitativos da educação surgiu na década de 70, numa tentativa de fazer frente a uma postura quantificadora dos processos educativos que se revelava através de medições, quantificações e quadros estatísticos⁶ (porcentagens de analfabetas, de repetentes, do crescimento anual da matrícula etc.), o que representava uma dimensão positivista da explicação do fenômeno social e educativo; dessa forma, a pesquisa qualitativa surgiu em oposição “à atitude tradicional positivista de aplicar ao estudo das ciências humanas os mesmos princípios e métodos das ciências naturais”. Por outro lado, as novas alternativas metodológicas para a pesquisa educacional ao buscarem os aspectos qualitativos decidiram eliminar todos os aspectos quantitativos dos estudos. Foi assim que:

Abriu-se caminho desta maneira, à falsa dicotomia quantitativo-qualitativo. E alguns rejeitaram a medida do ensino por absurda, artificial e inútil; enquanto outros expressavam que o enfoque qualitativo era, simplesmente um exercício especulativo sem valor para a ciência (Triviños, 1987, p. 116).

Acreditamos que, apesar desses problemas em seu surgimento, ao utilizarmos o termo *qualitativa* para definir a pesquisa devemos

⁶ Cf. Triviños, “Na prática ocorre que toda a investigação baseada na estatística, que pretende obter resultados objetivos, fica exclusivamente nos dados estatístico” (1987, p. 116).

considerar que se deu ênfase aos aspectos descritivos, sem, contudo, desprezarmos a quantificação dos dados.

O estudo de caso é utilizado quando queremos estudar algo particular, o interesse gira em torno daquilo que o faz especial e que, portanto, o torna uma unidade num sistema mais amplo. A preocupação central desse tipo de pesquisa é a compreensão de uma instância singular, situando-a em seus aspectos históricos e sociais e apresentando as suas várias dimensões. Nesse tipo de pesquisa, embora o pesquisador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais, o chão teórico servirá apenas de estrutura básica a partir da qual novos elementos e dimensões podem ser acrescentados à medida que emergem durante a realização do estudo. Outra característica é a variedade de fontes de informações; dessa forma o pesquisador procurará fazer observações em:

Situações de aula, de reuniões, de merenda, de entrada e saída das crianças; estará coletando dados no início, no meio e no final do semestre letivo; ouvirá professores, pais, alunos, funcionários, serventes etc. Com essa variedade de informações ele poderá cruzar informações, confirmar ou rejeitar hipóteses, descobrir novos dados, afastar suposições ou levantar hipóteses alternativas (Ludke, 1986, p. 18-19).

O que determinou a escolha do estudo de caso foi a intenção de realizarmos uma pesquisa que não se detivesse apenas em relatos e observações limitadas ao ambiente da sala de aula, queríamos diminuir os efeitos de fragmentação da realidade que podem ocorrer quando observamos apenas um dos momentos que a disciplina escolar se mostra. A pesquisa nos possibilitou através da descrição dos dados retratar o ambiente da escola como um todo. Outro aspecto, que pudemos constatar durante o desenvolvimento do estudo, é que ao registrarmos a parte reflexiva das observações percebíamos que determinada ação ou relato ganhava novo significado, diferente daquele que havíamos dado no instante em que ele ocorreu.

O Instante da Coleta de Dados

O estudo de caso nos deu condições para ir além das entrevistas e observações, podendo buscar informações na história do Município de Barcarena, da implantação da fábrica Albras Alumínio Brasileiro S/A e da

construção da vila operária, a Vila dos Cabanos. Todo esse esforço teve por objetivo compor o contexto no qual as ações e práticas educativas foram observadas e analisadas. Além dos livros, pudemos usar materiais distribuídos pela empresa, consultar jornais, revistas e documentos. A diversidade de informações enriquece o trabalho, porém o maior desafio é selecionar aquelas que têm maior relevância para o problema em questão.

Nos preocupamos em deixar falar os relatos e as ações de alunos e professores do 1º e 2º ano do Ensino Médio, no entanto procuramos entender e interpretar essa dinâmica interna, cruzando informações, tendo em mente a escola como um todo, bem como o contexto no qual a escola está situada.

Durante a aproximação junto à escola, foi feito o primeiro período de observações em todos os setores da instituição, desde o pré-escolar até o Ensino Médio. Logo após fizemos um roteiro para pontuar temas durante as entrevistas. Dessa forma, fizemos uma criteriosa escolha dos entrevistados e pudemos traçar o roteiro de entrevistas com base na frequência com que determinados temas emergiam no cotidiano escolar, seja no âmbito da sala de aula seja nos corredores e pátios.

No segundo período de observações foram realizadas as entrevistas. Após o terceiro contato com os entrevistados, fora do ambiente escolar, tomamos estes cuidados para que, quebrado o gelo inicial, o entrevistado estivesse à vontade para falar sobre os temas. Selecionamos para as entrevistas alunos do 2º ano do Ensino Médio que frequentavam a escola desde o pré-escolar e professores com mais de cinco anos de profissão, todos com nível superior. Além disso, entrevistamos empregados da empresa que participaram da implantação do 5S e CIPA Escolar, a coordenadora geral da escola, a inspetora do setor, porteiros e auxiliares de serviço. Pudemos ainda participar de reuniões de pais e visitar eventos anuais da escola, tais como a Feira da Cultura e outros.

Roteiro Parcial das Análises

O que salta aos olhos é a padronização dos rituais imutáveis da sala de aula: o visto no caderno, muitas vezes valendo ponto para a prova. Podemos constatar muitas continuidades daquilo que Petitat (1994) descreve das escolas elementares cristãs francesas, os prêmios e as emulações hoje se apresentam em forma de estrelas para a tábua que

fizer todos os deveres de casa, tendo em vista uma excursão para a vencedora. Ficaram evidentes as repetições e as memorizações, hoje presentes nas respostas prontas e acabadas dos exercícios de revisão, uma espécie de “mapa da mina” para as provas. O trabalho em grupo é pouco estimulado, pois assim “os alunos conversam e não produzem nada”. O que se pode perceber é que a metodologia escolhida pelo professor prioriza muito mais a ordem na sala do que a adequação do processo ensino-aprendizagem ao contexto do aluno. Dessa forma, permanece o esquadrinhamento das aparições coletivas no ambiente escolar.

Os distúrbios disciplinares foram a tônica de todos os espaços observados. Grande parte do tempo da aula é gasto com sermões e ameaças diante da falta de atenção, das brincadeiras e conversas paralelas. Nas séries iniciais e no Ensino Fundamental, o professor é aquele que fala, que sabe, ao aluno cabe a tarefa de copiar, decorar, repetir e principalmente calar. Quando o professor faz uma tentativa de iniciar um debate, e é dada a oportunidade ao aluno de falar sobre temas pertinentes aos conteúdos escolares, a sua participação é tímida, principalmente entre aqueles que têm mais idade.

Impressiona a incidência de rotulação dos alunos por parte dos mestres: são “lentos”, dito por um professor do Ensino Fundamental; “os pais se separaram”, “o pai é alcoólatra” – falas de um professor das séries iniciais, apontando discretamente para duas crianças consideradas indisciplinadas. Em sua maioria, os professores atribuem as dificuldades de aprendizagem a problemas familiares e a condições sócio-econômicas. Ao falarmos sobre o que provoca os distúrbios disciplinares na escola, em nenhum momento os entrevistados citaram o excessivo número de alunos (50 a 60), os infundáveis conteúdos programáticos (em alguns casos são necessários dois professores numa só disciplina: Química, Física e Matemática), o calor insuportável no período da tarde, a falta de laboratórios e as 6 horas de aulas expositivas. Esses fatores não são levados em conta sobre a incidência de indisciplina, portanto, para os entrevistados, a indisciplina não é provocada pela estrutura e organização da escola. Estes aspectos confirmam a idéia de que raramente se atribui a indisciplina ao próprio ambiente escolar, e não se costuma questionar a própria escola.

Os professores do 2º ano do Ensino Médio declararam que se vêem como profissionais da educação, mas demonstram insegurança quanto ao seu papel: temem serem rotulados de “benzinhos” ou

"democráticos demais", embora não queiram ser tidos como autoritários. Porém na instância das relações tratam os alunos como filhos. Podemos dizer que diferentemente das relações autoritárias e paternalistas descritas por Petitot (1994), nesta escola os professores tentam não se mostrar autoritários na sua prática, permanecem, porém, as relações paternalistas entre professor e aluno, nas quais o professor é visto como uma figura protetora, que vai entender e solucionar os problemas educacionais e pessoais dos alunos.

A empresa é considerada uma aliada dos alunos, que, descontentes com a escola, vêem na ação fiscalizadora da fábrica uma solução para os problemas:

É bom do recreio, sento no banco do pátio da escola para observar os alunos fora da sala de aula, logo, um grupo de alunos aproximando uns 16 a 17 anos, muito sérios, se aproxima e pergunta — A senhora é fiscal da Albras? Respondo com outra pergunta — Por quê? Eles explicam: — É que se a senhora for fiscal da Albras nós queremos denunciar a escola.⁷

Podemos constatar que a aproximação da disciplina da fábrica junto à escola não torna os seus mecanismos de controles mais rígidos. E destacamos dois pontos sobre isto: (1º) Os alunos vêem essas intervenções apenas como uma representação, ações que não se concretizam e das quais apenas serão cobrados em sermões eventuais sem que haja punição para os infratores. Campanhas como o 5S e a CIPA⁸ Escolar parecem ser apenas ilustrações da gratidão da escola para com a "mamãe" Albras por se preocupar com seus dependentes. (2º) Apesar de o ambiente desta escola concorrer para tal, não verificamos em nenhum nos alunos entrevistados a vontade de trabalhar na fábrica Albras S/A. Podemos apontar que, embora o indivíduo seja exposto a estratégia disciplinar da escola e da empresa na tentativa de constituir um futuro empregado da fábrica, existe a possibilidade de se reconhecer instrumentalizado pelas estratégias disciplinares e romper com algumas de suas determinações.

⁷ Observação no Ensino Médio do dia 8/09/2003.

⁸ Comissão Interna de Prevenção de Acidentes, a CIPA da fábrica foi implantada na escola como estratégia de disciplina e controle de acidentes dentro e fora do ambiente escolar.

Os alunos pedem o mapeamento² da sala de aula, ou seja, que os lugares nas fileiras sejam determinados segundo o comportamento do aluno, e ainda querem que as punições sejam mais rigorosas. Isso demonstra as continuidades disciplinares que se mantêm e se perpetuam, na subjetividade dos indivíduos. "Mesmo que não sejamos todos igualmente disciplinados, todos compreendemos, ou devemos compreender – o que é ser disciplinado" (Veiga Neto, 2003). Ficou claro que, se o aluno clama por estes mecanismos – mapeamento e punição – é porque ele se considera disciplinado, seu comportamento será então reconhecido, temos então na recompensa outra estratégia disciplinar da escola.

Para os alunos, a escola e os professores não são rígidos e pedem que a escola assuma seu papel disciplinador, principalmente punindo os infratores, o que para eles não vem acontecendo. O aluno é aquele que manda na escola, e este se tornou o porta-voz do poder disciplinador.

Alunos e professores concordam que os alunos têm muita liberdade na escola e isso é "reflexo do tipo de vida que levam na Vila dos Cabanos", os distúrbios disciplinares acontecem por não sofrerem punições, seja dos pais ou da escola. Nesse aspecto, a idéia de que o professor é aquele que manda não se configura, agora é o aluno que está no comando. Mas estamos apenas indo de um extremo a outro, e, se o poder é circular, conforme nos indica Foucault (1987), o aluno não pode mandar tanto assim. Podemos ver que as reuniões com os pais e alunos são meramente informativas, as decisões não têm participação e não são contestadas por pais e alunos. Os alunos raramente são punidos, mas também não são ouvidos nas decisões, o que pode indicar que o aluno é levado a se acreditar "dono da escola" ou sujeito livre e dono de si, mas está preso no fazer pedagógico na direção da escola onde ficam centralizadas as decisões.

Não pretendemos com este trabalho destruir a escola e acabar com a sua disciplina, pensamos que dificilmente uma criança que não vá para a escola sobreviverá nesta sociedade disciplinar. Questionamos a escola porque a amamos, acreditamos nela como possibilidade de mudança. Pode parecer estranho que se questione a escola num país com alto índice de analfabetos, onde o acesso à escola é muitas vezes

² Semelhante à classificação que Urieña e La Salle tanto propagaram (Perini, 1986).

um problema e não uma solução. O nosso trabalho, ao pôr em xeque a instituição escolar e sua cultura disciplinar, pretende provocar que se pense na valorização desta, na mudança em sua estrutura física e organizacional, nas aulas cansativas, no excesso de alunos nas salas de aula, nas normas e regras que muitas vezes não têm o menor sentido para os alunos e professores.

Considerações Finais

Reafirmamos que a abordagem qualitativa da pesquisa e o estudo de caso são de grande contribuição para o estudo do fenômeno educativo no cotidiano escolar, permitindo um contato mais direto e continuado com o fenômeno estudado. Além disso, a multiplicidade de situações vivenciadas e a variedade de fontes de informações dão ao pesquisador um melhor entendimento das ações dos sujeitos dentro de um contexto específico. Gostaríamos de ressaltar que um contato maior com diversas metodologias de pesquisa durante o curso de Pedagogia dará oportunidade ao aluno de, após a definição de sua problematização, decidir qual metodologia é mais apropriada à questão levantada no seu estudo. Assim é que, justificando a sua decisão metodológica, se criará possibilidades para a realização de um trabalho mais cuidadoso. Queremos deixar claro que as metodologias que temos no referencial teórico sobre pesquisa não devem ser uma camisa de força. Além de fazer a articulação entre teoria e problematização, elas devem ter flexibilidade e permitir a criatividade do pesquisador. Acreditamos que desta forma a pesquisa torne-se uma possibilidade de produção de conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marly. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 2000.

PETTAT, André. *Produção da escola /reprodução da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA NETO, Alfredo. *Foucault e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.